

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Cláudio Lucas Vieira Batista¹

RESUMO

Frente ao cenário de competição entre as empresas e das constantes atualizações dos processos de globalização é clara a necessidade de expandir mercados, estreitar relações financeiras e firmar parcerias comerciais estratégicas entre as nações. Diante do exposto este artigo tem como objetivo construir uma análise estratégica das parcerias comerciais firmadas entre o Brasil e o mundo de 1990 a 2010. A problemática estabelecida está na discussão sobre quais as principais estratégias adotadas pelo Brasil nas últimas duas décadas que tornaram o processo de internacionalização de sua economia possível, bem como os resultados alcançados. Inicialmente foi realizado um estudo exploratório junto a fontes bibliográficas sobre conceitos e teorias a respeito do processo de internacionalização das economias como um todo. Por fim utilizou-se de uma pesquisa conclusiva baseada na descrição de dados reais no intuito de apresentar e discutir os resultados obtidos pelas alianças comerciais firmadas entre o Brasil e seus parceiros. Concluiu-se então que o processo de abertura internacional do mercado brasileiro foi totalmente necessária e essencial para a internacionalização de sua economia. A diversificação de parceiros comerciais foi uma estratégia extremamente inteligente e efetiva para driblar as crises sofridas pelas grandes potências mundiais nas últimas duas décadas.

Palavras-chave: Internacionalização da Economia, Economia Brasileira, Parcerias Comerciais.

ABSTRACT

Faced to the background of competition between firms and constant updates of globalization processes it is clear the necessity to expand markets, strengthen financial relationships and strategic business partnering between nations. Given the above this article aims to build a strategic analysis of business partnerships signed between Brazil and the world from 1990 to 2010. The problem is established in the discussion about what are the main strategies adopted by Brazil in the last two decades that have made the process of internationalization of its economy as possible, as well as the results achieved. It was initially conducted an exploratory study with the literature sources on concepts and theories about the process of internationalization of economies as a whole. Finally, it was used a conclusive research based on the description of real data in order to present and discuss the results obtained by commercial alliances signed between Brazil and its partners. It was concluded that the process of international openness of the Brazilian market was absolutely necessary and essential for the internationalization of it economy. The diversification of trading partners was an extremely clever and effective strategy to circumvent the crises suffered by the major powers in the last two decades.

Key words: Internationalization of Economics, Brazilian Economy, Trade Partners.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduado pela Escola de Administração e Negócios, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, E-mail: clvbatista91@gmail.com

No período de 1950 a início de 1960, acreditava-se que os países em desenvolvimento somente alcançariam sua industrialização caso fosse fornecido, aos setores industriais, mercados domésticos seguros, permitindo assim o desenvolvimento de tais nações. Para garantir a segurança do mercado nacional, os países em desenvolvimento adotaram a estratégia de Substituição de Importações, onde o país começa a produzir internamente o que antes importava (FONSECA, 2009), ou seja, consistia em uma proteção dos produtos domésticos da competição estrangeira através da criação de cotas e tarifas, de modo que pudessem expandir a produção para substituir bens antes importados. Com o tempo percebeu-se que tal modelo protecionista acarretava em um volume de produção baixo, alto custo e pouca inovação tecnológica.

Diante tal cenário, por volta dos anos 80 os países em desenvolvimento iniciam uma abertura econômica de seus mercados, ou seja, reduzem os impostos incidentes sobre os bens importados e eliminam os obstáculos existentes nos regulamentos, leis, controles e normas que impediam a livre movimentação das mercadorias e capitais estrangeiros. Com o fim das restrições à entrada de capital exterior nos mercados nacionais, ocorre uma maior integração entre os mercados financeiro, de capital e produtivo, que trás como consequência a Globalização e a internacionalização das economias das nações.

O Brasil entra a fundo neste contexto a partir da década de 90 quando ocorre a estabilização monetária e uma necessidade de frear o aumento do *déficit* comercial. Frente a esse cenário o Brasil disponibiliza uma maior abertura econômica de seu mercado através da criação de um bloco econômico denominado MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e busca firmar novas parcerias comerciais a fim de desenvolver economicamente.

Diante do exposto, esse artigo visa construir uma análise estratégica das parcerias comerciais entre o Brasil e o mundo de 1990 a 2011. A partir deste objetivo, procura-se responder a problemática estabelecida baseada na discussão sobre quais as principais estratégias adotadas pelo Brasil nas últimas duas décadas que tornaram o processo de internacionalização de sua economia possível, bem como os resultados alcançados.

A metodologia utilizada foi a de pesquisa exploratória, pois buscou-se junto à fontes bibliográficas conceitos e teorias a respeito do processo de internacionalização da economia. Por fim utilizou-se de uma pesquisa conclusiva baseada na descrição de dados reais no intuito de apresentar e discutir os resultados obtidos nas alianças comerciais firmadas entre o Brasil e seus parceiros.

2. O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA ECONOMIA DAS NAÇÕES

Nas últimas décadas a característica marcante na economia mundial tem sido a integração econômica entre os países, sob os aspectos comercial, produtivo e financeiro, surgindo então a Globalização, que corresponde à livre circulação das mercadorias, de capital, dos serviços, das pessoas, do conhecimento técnico e da livre troca.

A globalização econômica é a aceleração global do comércio de bens e serviços, possibilitada pela remoção gradual das barreiras comerciais da Organização Mundial do Comércio (OMC). Portanto, pode-se afirmar que o processo de globalização possui dimensões múltiplas, segundo Bauman (2007) o processo de globalização é inevitável e irreversível.

Segundo Mankiw (2005) para explicar esse processo de internacionalização é necessário entender alguns pensamentos clássicos da economia, como o do economista Adam Smith, que ainda no século 18, afirmara que um país deveria especializar-se e exportar *commodities* nas quais tivesse uma vantagem absoluta. Existia uma vantagem absoluta quando o país podia produzir uma mercadoria com menos custos por unidade produzida do que o seu parceiro comercial. Pelo mesmo raciocínio, deveria importar mercadorias nas quais tinha uma desvantagem absoluta. Embora existam ganhos possíveis do comércio com vantagem absoluta, a vantagem comparativa amplia a gama de trocas mutuamente benéficas possíveis. Em outras palavras, não é necessário ter uma vantagem absoluta para ganhar com o comércio, apenas uma vantagem comparativa.

Um contraponto a esse pensamento veio no século seguinte, David Ricardo argumentou que um país não precisa ter uma vantagem absoluta na produção de qualquer mercadoria para que o comércio internacional entre ela e outro país seja mutuamente benéfico. Vantagem absoluta significava maior eficiência na produção ou o uso de menos fator de mão-de-obra na produção. Dois países poderiam se beneficiar do comércio se cada um tivesse uma vantagem relativa na produção. Vantagem relativa significou simplesmente que a razão entre o trabalho incorporado nas duas mercadorias diferia entre dois países, de tal forma que cada país teria pelo menos uma mercadoria onde a quantidade relativa de trabalho encarnado seria menor do que a do outro país. (MANKIW, 2005)

Há ainda o aspecto social da globalização, alguns sociólogos fazem uma distinção entre globalização e internacionalização: internacionalização refere-se aos vários tipos de intercâmbios, econômicos, políticos, culturais, entre nações, as relações resultantes podem ser pacíficas ou conflituosas, complementares ou concorrentes.

De acordo com a concepção unitária, a globalização evoca a noção de um mundo unido, de um mundo que forma uma aldeia global, de um mundo sem fronteiras. Isso em uma abordagem

geográfica, ideológica ou econômica. Esta concepção é apoiada por organizações internacionais ou instituições internacionais, nomeadamente o Fundo Monetário Internacional, a OMC, e outras, pela corrente ideológica, o globalismo também é compartilhado por alguns analistas. Definir a globalização como a unificação do mundo significa a interpenetração de culturas, tecnologias e economias (integração na economia global). Como resultado, expressões como a cultura mundial ou civilização mundial, a governança global, a economia global e até mesmo os cidadãos globais são cada vez mais utilizadas.

A Teoria das Vantagens Competitivas das Nações (PORTER, 1990) afirma que a competitividade de uma nação depende da capacidade de inovação da sua indústria e seu contínuo aperfeiçoamento. Isso significa que, ao permitir a entrada de empresas estrangeiras no mercado nacional, o governo estará forçando as empresas locais a se modernizarem para atingir competitividade no cenário global.

Segundo Porter (1990), a extensão de empresas para além das fronteiras de seus países de origem corresponde ao fenômeno da internacionalização de suas atividades econômicas, existem quatro tipos de estratégias de internacionalização. Ei-las:

- 1- Direção estratégica internacional;
- 2- Direção estratégica global;
- 3- Direção estratégica multinacional; e
- 4- Direção estratégica transnacional.

Para Porter (1990) uma empresa se internacionaliza quando ela desenvolve sua atividade para além do seu território nacional, já uma empresa global é aquela que seu mercado relevante é o mundo inteiro, a sua gama de produtos é bastante limitada e padronizada, utiliza economia de escala e o processo de decisão e controle são bastante centralizados. E uma empresa torna-se multinacional quando sua estratégia se aplica em vários países, possui várias unidades de produção além do território nacional, seria o último estágio de desenvolvimento no processo de internacionalização.

Segundo Barbosa (2001) a abertura dos mercados foi motivada por vários fatores econômicos e políticos, tais como governos de países desenvolvidos e subdesenvolvidos, organismos multilaterais (FMI e Banco Mundial), e especialmente, pelas empresas multinacionais. Assim, elas podem fazer investimentos em lugares onde os custos são mais baixos, produzir peças num país para serem transformadas em outros e comercializadas em todo o planeta. Ou seja, por trás da expansão do comércio, a economia atual é regida por uma variável ainda mais forte: a expansão rápida da produção comandada por empresas que realizam suas atividades fora do seu país de origem (BARBOSA, 2001).

Para Abrantes (1999) a internacionalização das empresas está diretamente relacionada a uma vontade de tirar proveito de uma concentração industrial crescente e de um poder reforçado sobre o mercado que as conduzem na sua procura de uma melhor rentabilidade, de um mercado nacional aos mercados internacionais.

Segundo Mankiw (2005) negociar globalmente dá aos consumidores e países a oportunidade de estarem expostos a novos mercados e produtos. Quase todo tipo de produto pode ser encontrado no mercado internacional: alimentos, roupas, peças de reposição, petróleo, jóias, vinho, estoques, moedas e água. Os serviços também são comercializados: turismo, bancos, consultoria e transporte. Um produto que é vendido para o mercado global é uma exportação, e um produto que é comprado do mercado global é uma importação. As importações e exportações são contabilizadas na conta corrente de um país no balanço de pagamentos.

Para Mankiw (2005) a diferença entre o comércio interno e internacional é que os fatores de produção, como capital e trabalho, são tipicamente mais voláteis dentro de um país do que entre outros países. Assim, o comércio internacional é restrito principalmente ao comércio de bens e serviços, e apenas em menor medida ao comércio de capital, trabalho ou outros fatores de produção. O comércio de bens e serviços pode servir como substituto do comércio de fatores de produção.

Nesse contexto podemos definir a Globalização Produtiva como o processo de integração das estruturas produtivas domésticas em uma estrutura produtiva internacional, caracterizada por mudanças nas empresas, especialmente observada na multinacionalização das mesmas. A partir deste processo estabeleceu-se uma nova concepção: o ato de realizar trocas políticas, econômicas e culturais entre as nações, conhecido como internacionalização da economia.

3. A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Desde os anos 1930, sob influência do modelo desenvolvimentista, a grande estratégia da economia brasileira consistia em nacionalizar a economia internacional (CERVO, 2009), ou seja, trazer para dentro do país, capitais e empresas estrangeiras, com o simples objetivo de manter o elevado ritmo de crescimento que era apoiado na produção para o mercado interno e no protecionismo. Ainda segundo Cervo (2009), tal modelo acarretaria em um crescimento industrial de longo prazo, porém criava certos gargalos de longo prazo também, como o isolamento do país, a baixa produtividade sistêmica interna e a manutenção de características de dependência estrutural.

Tal cenário começa a mudar a partir da abertura econômica ocorrida no início dos anos 90, quando as empresas estrangeiras intensificam sua entrada no Brasil. O processo de abertura de

mercado se deu ainda no governo Collor sob uma nova ótica mundial, através de acordos bilaterais e multilaterais. Este processo também foi marcado pela grande quantidade de empresas nacionais adquiridas por estrangeiras: das 2308 transações de fusões e aquisições realizadas na década de 90, 61% envolveram o capital externo (PASIN, 2003).

A partir dessa abertura também surge um considerável aumento do grau do risco das empresas brasileiras, especialmente quanto à concorrência externa. Vieira (2001) afirma que fez-se necessário que se iniciasse uma série de reestruturações objetivando a busca por maiores níveis de eficiência operacional, de produtividade e competitividade para fazer frente aos concorrentes internacionais. Deste momento em diante o papel do governo foi essencial na estruturação da economia, possibilitando a modernização do parque industrial através de trocas de mercadorias por tecnologia entre outros países.

Segundo dados do relatório do FMI (2010), o Brasil ocupa a oitava posição no ranking das maiores economias mundiais, com perspectivas de se tornar a sétima maior potência do mundo. O fator determinante para o reconhecimento desta posição são as centenas de parcerias comerciais firmadas ao longo das últimas duas décadas com diversos países e blocos mundiais. Além disso, a solidez fiscal conquistada pelo país bem como medidas de abertura da economia possibilitam o que hoje pode ser chamado de fidelização do mercado brasileiro no cenário internacional.

4. PARCERIAS COMERCIAIS

4.1 Primeiro Período (1990 – 2002)

Foi no início da década de 90 que o Brasil passou a expor-se de uma maneira mais intensa no comércio internacional. Foi uma década marcada pela estabilização monetária e aumento do déficit comercial. Segundo Martins (2005) a estrutura econômica deste período foi articulada em torno de três eixos: desregulamentação do mercado de fatores para a abertura do mercado de bens e serviços à concorrência e ao capital internacional, políticas macroeconômicas focadas na estabilidade econômica e a redefinição do papel do Estado na economia, pois nesse momento o governo passou a ser apenas uma garantia para a estabilidade das “regras do jogo”.

A nova política de comércio exterior no governo de Fernando Collor de Melo possibilitou às empresas brasileiras importarem tecnologia estrangeira, e com a modernização da malha industrial nacional as empresas ficaram mais competitivas e passaram a exportar cada vez mais. A política do presidente Collor incluía intensa participação em fóruns internacionais, principalmente naqueles latino americanos, com o intuito de ganhar visibilidade e algum reconhecimento internacional.

Os países latino-americanos foram prioridade na política externa brasileira no biênio 1991-1992, as evidências dessa política voltada para o exterior são os inúmeros contratos que foram assinados, acordos com objetivo de aproximar as economias, MERCOSUL, conclusão da usina hidrelétrica de Itaipu, o início das tratativas para construção do gasoduto Brasil-Bolívia também ocorreu nesse período.

Um dos aspectos que contribuíram para a internacionalização do comércio brasileiro foi a aproximação do Brasil com os países vizinhos, Argentina, Uruguai e Paraguai, através do MERCOSUL. Este tratado aumentou a participação do Brasil no comércio regional, e conforme aponta Martins (2005) isto acarretou em um crescimento do escoamento da produção doméstica para este novo mercado consumidor. É importante salientar que o Brasil assumiu a imagem de líder deste bloco econômico perante o mercado internacional.

Em 1990 é anunciada uma tentativa de se criar uma área de livre comércio entre as Américas buscando obter vantagens para a criação de um super bloco econômico. Porém dentre todos os países envolvidos o Brasil seria possivelmente o que mais perderia, pois parte da sua indústria doméstica não é competitiva com a da América do Norte e os demais países presentes na ALCA. Enquanto os produtos brasileiros são competitivos no mercado sub-regional, a emergência de uma zona de comércio livre em nível de hemisfério é freqüentemente vista tanto pelo setor público, como pelo setor privado brasileiro como uma grande ameaça.

Para se internacionalizar, um país pode-se utilizar de diferentes meios, segundo Porter (1990) existem três tipos de exportação, a forma direta é aquela na qual a empresa vende seus produtos no exterior via Internet ou através de uma força de vendas localizada no país de importação. Na exportação indireta a empresa continua a fabricar em seu país de origem, mas vende parte de sua produção para o exterior por meio de empresas especializadas. As exportações associadas são utilizadas por empresas com o mesmo país de origem e que possuem atividades semelhantes, elas podem se reunir e formar grupos de exportadores através da criação de meios comuns de prospecção e venda.

Conforme se pode observar nos dados estatísticos a seguir fica claro que o Brasil neste período não obteve crescimento considerável no que tange às exportações, porém, infere-se que foi um período de preparação, principalmente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, onde a balança comercial ficou negativa em seus dois mandatos.

VALOR DAS EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E EVOLUÇÃO DO SALDO COMERCIAL – 1990 a 2002 (Em US\$ Milhões)
--

PERÍODO	TOTAL EXPORTADO	TOTAL IMPORTADO	SALDO COMERCIAL
1990	31.390	20.363	11.027,00
1991	31.620	21.041	10.579,00
1992	35.793	20.544	15.248,70
1993	38.555	25.237	13.317,77
1994	43.545	33.053	10.492,48
1995	46.506	49.972	-3.465,61
1996	47.747	53.301	-5.554,29
1997	52.990	61.352	-8.361,91
1998	51120	57.714	-6.574,50
1999	48011	49.210	-1.198,87
2000	55086	55.783	-697,00
2001	58287	55.582	2.685
2002	60439	47.243	13.196

Valor das Exportações, Importações e Evolução do Saldo Comercial - 1990 a 2002 (Em US\$ Milhões). FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC (2018).

No início da década de 90 o Brasil eliminou a maior parte das barreiras não tarifárias (Marwald, 2001). Afirma ainda que:

“...a extinção dessas barreiras, muito mais do que o cronograma de reduções tarifárias que vigorou entre 1991 e 1994, é que marca a ruptura entre o regime fechado e protecionista herdado do modelo de industrialização baseado na substituição de importações e o regime de economia aberta que vem caracterizando o desenvolvimento econômico brasileiro nos últimos anos.” (Marwald em Revista Brasileira de Comércio Exterior, nº68, julho-setembro de 2001: 04-25, p. 1).

Além da eliminação das barreiras tarifárias, a partir de 1990, através do PICE (Política Industrial de Comércio Exterior) as tarifas de importação foram caindo ano após ano entre 1991 e 1994. Segundo Lucena (2008) as tarifas aduaneiras que eram, em média, 35%, e, em alguns casos, chegavam até a 100%, passaram a oscilar entre zero e 40%, com tarifa média de 20%.

Com isto, as importações deram um salto de mais de 50% entre 1990 e 1994, e manteve o crescimento até 1997. No mesmo período as exportações também cresceram mais de 50%. No entanto, as exportações não cresceram tanto quanto o esperado para o ano seguinte (1998), e os superavit da balança comercial não foi alcançado. A crise financeira monetária na Ásia em 1997, a grande desvalorização da moeda dos países asiáticos explica, de certa forma, esta queda nas exportações brasileiras, percebida entre 1998 e 1999. O crescimento foi recuperado a partir dos anos 2000. Canuto (1998) afirma que a crise asiática foi disparada por um processo de fuga de capital e deflação de ativos financeiros em certo conjunto de economias daquela região.

Outro fator que também colaborou para uma queda acentuada nas importações em 1999, foi a desvalorização da moeda brasileira frente ao dólar, onde ainda neste período houve uma recuperação da atividade interna em que o setor industrial brasileiro ficou mais forte.

VALOR DAS EXPORTAÇÕES POR BLOCO ECONÔMICO – 1990 a 2003			
(Em US\$)			
PERÍODO	EUA	ALADI (exclusive MERCOSUL)	EU
1990	7.718.426.427	1.958.012.924	10.597.283.499
1991	6.361.416.633	2.694.930.802	10.407.668.794
1992	7.058.142.434	3.513.259.880	11.030.518.840
1993	7.989.194.546	3.769.533.260	10.516.240.079
1994	8.950.775.451	3.848.905.385	12.627.822.215
1995	8.797.974.007	3.864.005.765	13.377.128.711
1996	9.311.873.607	3.665.616.885	13.432.009.592
1997	9.406.274.840	4.603.074.030	15.049.944.906
1998	9.871.649.611	4.508.653.592	15.253.423.897
1999	10.848.946.251	3.782.927.491	14.199.869.262
2000	13.375.212.686	5.175.958.162	15.346.022.583
2001	14.397.244.101	5.874.299.339	15.487.553.299
2002	15.558.855.774	6.571.998.484	15.608.902.484

Valor das Exportações por Bloco Econômico – 1990 a 2003 (Em US\$ Milhões). FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC (2018).

Conforme aponta o economista Averbug (1999) os mercados mais importantes na década de 90, tanto pelo crescimento relativo quanto pelo volume importado, foram a Associação Latino-Americana de Integração - ALADI - (crescimento de 317% entre 1990 e 1998, com um volume de US\$ 13,3 bilhões no último ano), os Estados Unidos (27,8% e US\$ 9,9 bilhões, respectivamente) e a União Européia (49,4% e US\$ 14,7 bilhões). Este pequeno grupo representou mais de 50% do destino das exportações brasileiras no período apresentado.

Pode-se concluir que os países desenvolvidos foram os que mais contribuíram para o crescimento das exportações brasileiras. Houve uma reviravolta no período do governo Lula, em que as estratégias foram alteradas e outros países apareceram nesse cenário.

VALOR DAS EXPORTAÇÕES MERCOSUL	
(Em US\$)	
PERÍODO	TOTAL EXPORTADO

1990	1.320.244.279
1991	2.309.352.601
1992	4.097.469.283
1993	5.386.909.641
1994	5.921.475.981
1995	6.153.768.222
1996	7.305.281.948
1997	9.045.110.950
1998	8.878.233.843
1999	6.778.178.415
2000	7.739.599.181
2001	6.374.455.028
2002	3.318.675.277

Valor das Exportações – MERCOSUL - 1990 a 2002 (Em US\$ Milhões). FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC (2018).

Entre as parcerias firmadas pelo Brasil, destaca-se o MERCOSUL, apesar de não ser o maior contribuinte para o aumento de sua participação no comércio internacional. Durante a crise Asiática e também a Russa, as exportações para os países deste bloco não sofreram alterações bruscas e o Brasil ganhou diversificação de mercado. O ponto negativo é que essa tão falada diversificação não agrega tanto valor às exportações brasileiras, porém, não deixa de ser importante e portanto deve ser citada.

As relações com a União Européia e os Estados Unidos contribuíram para impulsionar o crescimento das exportações. Na década de 90 o Brasil teve que melhorar o processo de produção, pois encontrou um mercado mais exigente que o nacional e o regional (ALADI, MERCOSUL), exportou grandes volumes a baixo preço, porém a países que são oferecem total segurança nas negociações. A partir de 1999 com o a adoção do câmbio flutuante os exportadores também passaram a ganhar no câmbio.

Apesar do crescimento das exportações e importações brasileiras, o país não teve no período uma grande participação no mercado internacional. O governo adotou diversas medidas para que a participação no mercado internacional fosse incrementada, tais como: PROEX (Programa de Financiamento às Exportações) e criação da APEX (Agência de Promoção das Exportações), onde a mesma ficaria responsável por fomentar a exportação no Brasil. Além dos órgãos e programas pró exportação foram assinados decretos e leis de proteção ao exportador e incentivo às exportações.

Foi então que o Brasil na década de 90 percebeu a necessidade de se relacionar com o resto do mundo.

4.2 Segundo Período (2003 – 2010)

Araujo (2008) define este segundo período – conhecido como “Era Lula” - como marco da saída do Brasil do estágio de preparação para um nível onde começam a se sentir os efeitos de acordos anteriores, fortalecimento de novas e importantes oportunidades de expansão através de acordos firmados com demais países, dentre eles principalmente a China, o grande foco da economia mundial atualmente, além dos países “baleias”, Estados Unidos, Japão, Índia e África do Sul, representando o continente africano.

Os países “baleias” têm como principal país a Rússia que possui várias reservas petrolíferas, mas está se acabando, e isto possibilita que empresas brasileiras tenham a chance de atuar em obras de manutenção e modernização das indústrias neste país (Rodrigues e Benedicto, 2010). No setor aeroespacial, a Rússia possui uma moderna tecnologia que pode colaborar com os projetos brasileiros voltados para este item. Segundo dados do MDIC (2003) os mecanismos de cooperação existentes entre os dois países é um eficiente instrumento para a ampliação de novos projetos. O comércio é o aspecto mais visível dessa relação, que nos últimos anos vem registrando um sucessivo incremento com cifras de US\$ 1 bilhão em 2000, US\$ 1,5 bilhão em 2001 e US\$ 1,7 bilhão em 2002.

Este foi o período onde o país se preparava para se tornar uma grande potência mundial em relação ao agronegócio, onde a política de governo buscou restaurar o universalismo, através de atitudes concretas como a defesa da permanência no conselho de segurança e de tentativas de parcerias estratégicas com países e blocos econômicos.

Conforme se pode observar na tabela a seguir este período de alianças, acordos e parcerias com reais resultados ficam claros, pois houve um aumento no volume de exportações brasileiras o que deixou a balança comercial favorável neste período. Em contrapartida houve também aumento nas importações, o que indica que esses acordos tendem também a fazer com que o Brasil importe tecnologias e produtos de outros países.

VALOR DAS EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E EVOLUÇÃO DO SALDO COMERCIAL - 2003 A 2010 (Em US\$ Milhões)			
PERÍODO	TOTAL EXPORTADO	TOTAL IMPORTADO	SALDO COMERCIAL

2003	73.203,00	48.326,00	24.878,00
2004	96.677,00	62.836,00	33.842,00
2005	118.529,00	73.600,00	44.929,00
2006	137.807,00	91.351,00	46.457,00
2007	160.649,00	120.621,00	40.032,00
2008	197.942,00	173.197,00	24.958,00
2009	152.995,00	127.647,00	25.272,00
2010	201.915,00	181.649,00	20.267,00

Valor das Exportações , Importações e Evolução do Saldo Comercial - 2003 a 2010 (Em US\$ Milhões). FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC (2018).

Segundo dados obtidos no site do MDIC, em 2003 um encontro com o G-8 reforçou a idéia de um possível acordo com o bloco dos 22 países árabes do oriente médio, o que representou um incrível mercado consumidor em potencial, pois estes países compram cerca de US\$ 300 bilhões de carne do mercado ao ano.

Em 2004 foi realizada viagem com uma comitiva de empresários brasileiros onde foi firmada uma aliança estratégica com China, facilitando alguns fatores de importações e exportações entre os dois países. No início dos anos 90, a venda de produtos para a China totalizava US\$ 381 milhões e a corrente de comércio (exportação + importação) era de US\$ 550 milhões. No ano de 2003, esses números chegaram a US\$ 4,3 bilhões e US\$ 6,8 bilhões respectivamente, no período entre 2002 e 2005 a participação da China nas exportações do Brasil evoluiu de 4,2% para 5,8%, conforme dados do MDIC (2006).

Ainda em 2004 fica clara a força que o Brasil passou a exercer no cenário internacional devido ao fortalecimento de parcerias e alianças, pois sentindo certa ameaça em relação às alianças que vinham sendo formadas, o G-8 cogitou a expansão para um G-11 com a inclusão do Brasil e de outros países. No mesmo período foi firmado outro acordo que previa o fim dos subsídios as exportações de produtos agrícolas e dos subsídios internos, o que possibilitaria uma grande oportunidade para os países em desenvolvimento de se fortalecerem economicamente.

Segundo Moreira e Milhomem (2010), com relação à América do Sul o Brasil buscou uma integração regional dentre todos os países que participam do bloco, visando o fortalecimento do MERCOSUL para atingir uma soberania econômica que resultaria em um maior poder de negociação diante de outros países. Uma possível entrada do México foi cogitada, o que representaria uma grande força no combate a corrupção e ao narcotráfico, além de trocas de novas

tecnologias entre os dois países buscando aperfeiçoar o setor elétrico. Mas no Brasil essa tentativa de fortalecimento resultou nos seguintes dados na tabela a seguir:

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA O MERCOSUL POR REGIÃO (Em US\$ Milhares)						
TOTAL REGIÕES	2003	2004	2005	2006	2007	2008
REGIÃO SUL	1.585,13	2.397,17	2.836,97	3.474,52	4.637,81	5.753,07
REGIÃO SUDESTE	3.088,84	5.133,70	7.038,28	8.563,56	10.431,67	13.079,00
REGIÃO CENTRO-OESTE	118,53	117,24	161,11	197,54	178,35	353,57
REGIÃO NORTE	175,15	327,85	468,29	409,59	502,71	652,97
REGIÃO NORDESTE	627,45	832,09	1.027,68	1.112,35	1.337,68	1.561,05
TOTAL BRASIL	5.595,10	8.808,05	11.532,33	13.757,56	17.088,22	21.399,66

Exportações Brasileiras para o MERCOSUL por Região – 2003 a 2008 (Em US\$ Milhares). FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC.

Moreira e Milhomem (2010) explicam que as exportações para o bloco se reduziram em função da crise argentina de 2000/2002, retomando o crescimento nos anos subseqüentes. As exportações brasileiras totalizaram US\$ 118,3 bilhões em 2005 – crescimento de 22,6% em relação aos US\$ 96,5 bilhões de 2004. Este crescimento permitiu ao Brasil responder por 1,14% das exportações mundiais. Assim, o Brasil avançou no ranking dos maiores exportadores globais, ficando em 23º lugar.

No ano de 2005 foi firmado um tratado de livre comércio entre o MERCOSUL e Israel, onde este foi o primeiro país, fora do território sul-americano, a formalizar um acordo com o bloco. A grande pauta da negociação foi um entendimento de cooperação na área tecnológica e uma redução tarifária para uma série de produtos que entraram na pauta comercial de cada um dos países que compõem o bloco sul-americano. Como cerca de 150 empresas israelenses operam no Brasil, sendo que a grande maioria oferece serviços de alta tecnologia em áreas como agricultura, telecomunicações, tecnologia da informação, produtos e tecnologias de segurança e equipamentos médicos, ficou acordado que oito mil itens com tarifa reduzida ao longo dos próximos oito anos compõem a pauta comercial oferecida por Israel, e o MERCOSUL por sua vez, oferece 9.424 itens com tarifa reduzida gradativamente em 10 anos. O Brasil tem interesse principal nos setores de agronegócio, defesa espacial, mineração, indústria têxtil, tecnologia, aviação e medicamentos.

Em 2007 em outra comitiva brasileira, dessa vez em visita a União Européia foi firmada uma parceria estratégica entre o Brasil e a UE, que tem grande interesse no potencial que o Brasil tem em exportar bicom bustíveis que consigam suprir a demanda mundial, o que evidencia a busca

em se adequar às novas tendências mundiais de redução de emissões e combate ao aquecimento global.

Nas tabelas a seguir são evidenciados os destinos das exportações e importações do Brasil, que são os seus principais parceiros dentro desse período, conforme dados do MDIC (2011):

	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS (Em US\$ Bilhões)							
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
CHINA	4.533.363.162	5.441.405.712	6.834.996.980	8.402.368.827	10.748.813.792	16.522.652.160	21.003.886.286	30.785.906.442
EUA	16.728.079.047	20.099.235.400	22.539.731.875	24.524.748.523	25.065.048.412	27.423.048.799	15.601.628.031	19.307.295.562
RUSSIA	1.500.225.835	1.658.048.407	2.917.434.647	3.443.427.733	3.741.295.504	4.652.978.889	2.868.561.150	4.152.040.877
MERCOSUL	5.684.309.729	8.934.901.994	11.746.011.414	13.985.828.343	17.353.576.477	21.737.308.031	15.828.946.773	22.601.500.959
EU	18.816.320.902	24.675.714.303	27.039.479.914	31.044.979.748	40.428.035.649	46.395.287.328	34.036.682.109	43.134.813.540

Exportações Brasileiras – 2003 a 2008 (Em US\$ Bilhões). FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC.

Apesar de crescente aumento pode-se observar que em 2009 há uma queda no volume de exportações para todos esses países, mas principalmente para os Estados Unidos, devido à crise imobiliária neste país que afetou o mundo financeiro como um todo. Nos anos de 2004 e 2005 observa-se também que devidos ao grande fortalecimento das relações entre Brasil e China houve um aumento maior que no ano anterior no quesito exportação, tendência essa que se segue até o ano de 2010.

	IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS (Em US\$ Bilhões)							
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
CHINA	2.147.801.000	3.710.477.153	5.354.519.361	7.990.448.434	12.621.273.347	20.044.460.592	15.911.133.748	25.594.567.805
EUA	9.569.454.702	11.357.061.637	12.666.508.176	14.657.479.678	18.723.280.625	25.627.961.850	20.032.145.355	27.042.070.059
RUSSIA	555.155.946	808.034.180	722.131.034	942.573.802	1.710.087.799	3.332.050.061	1.412.127.096	1.910.816.014
MERCOSUL	5.685.228.972	6.390.492.978	7.053.699.272	8.967.386.709	11.624.752.344	14.934.111.721	13.107.441.700	16.619.747.753
EU	13.053.369.738	15.990.157.812	18.235.583.831	20.202.544.640	26.733.920.999	36.178.697.601	29.223.554.954	39.124.744.672

Importações Brasileiras (Em US\$ Bilhões). FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC.

Assim como nas exportações, as importações também sofreram um impacto da crise nos Estados Unidos, mas que já no ano seguinte o volume retoma um nível considerado mais normal se comparado aos anos anteriores.

Após análise crítica das tabelas e dos acordos, alianças e tratados firmados no período do mandato do governo Lula conclui-se que é grande a diversificação de mercados que este governo buscou para as exportações e importações brasileiras, solidificando parcerias desde países desenvolvidos a países emergentes. Ainda que seja uma estratégia de alto risco, quando gerenciada de maneira cautelosa pode proteger o país contra crises, guerras e demais fatores que possibilitariam um abalo na economia, funcionando como uma “válvula de escape”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro período compreendido entre 1990 e 2002 conclui-se, através dos dados apresentados, que os principais parceiros do Brasil, no que tange as transações de comércio internacional, foram: Estados Unidos, países da União Européia, e países do ALADI incluindo o MERCOSUL. Além de que o volume de trocas foi bem maior entre os países desenvolvidos como EUA e UE, que foi o que de certa forma assegurou o crescimento das exportações e importações brasileiras neste período.

Outro fator determinante para a afirmação destes países como parceiros do Brasil na década de 90 a 2002 foi a segurança oferecida aos produtores por serem economias estáveis e desenvolvidas, demonstrando o compromisso responsável em cumprir e fazer cumprir os contratos firmados. O nível de exigência desses novos consumidores também foi um dos pontos que forçaram o Brasil a melhorar a produção. Não fossem as crises Asiática e Russa a expansão seria ainda maior. A época foi marcada pelo fortalecimento da indústria nacional, incremento das importações dado os incentivos do governo.

Já o segundo período - 2003 a 2010 - foi marcado pela grande diversificação das alianças comerciais, o que culminou em um considerável crescimento das exportações e importações brasileiras. O presidente Lula, em exercício na época, realizou diversas viagens internacionais juntamente com traders de empresas de grande potência para a alavancagem da economia do país a fim de fechar grandes acordos financeiros com outros países, onde o principal foco foi a China.

Essa política de diversificação, apesar de muito inteligente, já que o país fica menos vulnerável às crises econômicas uma vez que seu mercado-foco não é somente um país em potencial, deve ser conduzida com muita cautela quando dois ou mais desses parceiros entram em

conflitos políticos, até mesmo em guerra ou situação do gênero. Até o momento a estratégia de diversificação vem sendo uma boa estratégia, mas por demandar um alto risco pode se tornar uma grande ameaça em período de economias instáveis.

Ainda há muita pesquisa a ser feita nesta área da economia. Deixamos algumas lacunas, que poderão ser preenchidas, como o porquê de o Brasil ter uma participação tão pequena no mercado internacional, ou até que ponto essa estratégia de diversificação pode ser sustentada a ponto de ser vantajoso para o país.

REFERÊNCIAS

_____, **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil**. Disponível em: <<http://www.gov.desenvolvimento.gov.br>> Acesso em 22/04/2018 às 18h58.

_____, **International Monetary Fund**. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/index.htm>> Acesso em 22/05/2018 às 17h59.

ABRANTES, Antônio Alexandre da Costa. **A Internacionalização das Empresas Numa Economia Mundializada**. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/15_arq2.htm> Acesso em 23/04/2018 às 17h24.

AVERBUG, André. **Abertura e integração comercial brasileira na década de 90**. P. 43-81 tabs. A Economia brasileira nos anos 90. Rio de Janeiro, BNDES, 1999. 496 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=ipea_pr_public&db=ipea_db_public&ss=new&disp=card&use=pn&arg=averbug,%20andre> Acesso em 18/05/2018 às 16h45.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. **O mundo globalizado**. Editora Contexto –Edição 1 – 2001.

CANUTO, Otaviano. **Conjuntura Econômica, Economia Internacional, Economia Monetária e Financeira**. Publicado em "Economia em Perspectiva - Carta de Conjuntura". CORECON-SP, Janeiro/Fevereiro de 1998. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo4.htm>> Acesso em 18/05/2018 às 12h52.

CERVO, Amado Luiz. **A Internacionalização da Economia Brasileira**. Série: Diplomacia ao alcance de todos – Editora Thesaurus, 2009.

DOS ANJOS, Maria Anita. FARAH JR., Moisés. **Revista FAE BUSINESS**. Nº4, dez. 2002– Coleção Gestão Empresarial. Disponível em: <<http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/economia/4.pdf>> Acesso em 19/05/2018 às 15h50min.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **O Processo de Substituição de Importações**. Coleção Série Econômica de Bolso – Editora LCT – 2009.

GIDEON, Waldemar Rodrigues & BENEDICTO, Carvalho de. **Uma Análise das Políticas do Comércio Exterior Brasileiro nos Últimos Quinze Anos**. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.unisul.br>> Acesso em 15/05/2018 às 20h15.

GIDEON, Waldemar Rodrigues & BENEDICTO, Carvalho de. **Uma Análise das Políticas do Comércio Exterior Brasileiro nos Últimos Quinze Anos**. Estratégia e Negócios, Florianópolis, v. 2, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN/index>> Acesso em 30/04/2018 às 21h47.

JUNIOR, José Tavares de Araujo. **Conversibilidade do Real e Inserção Internacional da Economia Brasileira**. Julho-2009. Disponível em:

<http://www.ecostrat.net/files/Tavares_Conversibilidade_do_real_e_%20insercao_internacional_do_Brasil-2.pdf> Acesso em 21/05/2018 às 15h07.

JUNIOR, José Tavares de Araujo. **Conversibilidade do Real e Inserção Internacional da Economia Brasileira**. Disponível em: <<http://www.funcex.com.br/material/rbce/101-JTAJ.pdf>> Acesso em 20/05/2018 às 22h40.

MANKIW, N. G. **Introdução à Economia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MARKWALD, R. A. **O Impacto da Abertura Comercial sobre a Indústria Brasileira: balanço de uma década**. Revista Brasileira de Comércio Exterior, nº 68, julho-setembro: 04-25.

MARTINS, Marcilene Aparecida. **O comercio exterior brasileiro nos anos 1980 e 1990: estrutura e evolução do padrão de especialização**. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000357848&fd=y> > Acesso em 23/04/2018 às 08:11.

MOREIRA, Sérvulo Vicente & MILHOMEM, Ethianne Érica Lucena - **Evolução Recente do Comércio Exterior Brasileiro com os Países do MERCOSUL**. Disponível em: <<http://cdi.mecon.gov.ar/doc/ipea/td/1466.pdf> > Acesso em 14/05/2018 às 19h20.

MOREIRA, Sérvulo Vicente & MILHOMEM, Ethianne Érica Lucena. **Evolução Recente do Comércio Exterior Brasileiro com os Países do MERCOSUL**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/TD_1466.pdf> Acesso em 05/05/2018 às 23h25.

PASIN, Rodrigo Maimone. **O processo de Internacionalização de Grandes Grupos Empresariais Brasileiros através das Fusões e Aquisições Transacionais**. VI-SEMEAD, FEA/USP, 2003. Disponível em: <www.ead.fea.usp.br/.../022Fin%20-%20O%20Processo%20de%20Internacionalizacao.doc> Acesso em 16/05/2018 às 14h38.

PORTER, Michael E. - **A Vantagem Competitiva das Nações in Competição: Estratégias Competitivas Essenciais**. São Paulo, editora Campus, 2ª edição, 1999.

ULHOA, Wander Marcondes Moreira. **Abertura comercial e exportações das macro-regiões brasileiras nos anos 90**. Disponível em: < <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000295272> > Acesso em 23/04/2018 às 09h03.

VIEIRA, Aquiles. **Teoria e Prática Cambial**. São Paulo: Aduaneiras, 2005.

VIGEVANI, Tullo e CEPALUNI, Gabriel. **A Política Externa de Lula da Silva: A Estratégia da Autonomia pela Diversificação**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v29n2/v29n2a02.pdf> > Acesso em 22/05/2018 às 20h04